



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

VISITA A PORTUGAL

Encontro com escritores e artistas portugueses

Embaixada do Brasil

Lisboa

6 de maio

Que portugueses e brasileiros publiquem suas obras literárias com constância, uns no território dos outros e que sejam igualmente lidos em ambos os países.

Sou-lhes muito grato por haverem aceito esta convocação da amizade, que nos permite estar aqui, ao redor destas mesas, escritores portugueses e brasileiros, a continuar a longa conversação, que raras vezes se interrompeu ao longo desses duzentos anos em que as duas culturas de origem lusitana assumiram destinos diferentes.

Pode dizer-se que, até a geração de Tomás Antônio Gonzaga, as histórias de Portugal e do Brasil eram uma só História. E que foi a partir do romantismo, que coincide com a Independência do Brasil, que os nossos dois povos bifurcaram os seus caminhos, ainda que assentados na unidade da língua e numa herança que a ambos igualmente pertence, como luso-dependentes.

Essas duas culturas, a portuguesa e a brasileira, estiveram, contudo, sempre entrelaçadas, a se trocarem influências, a se sentirem amorosamente próximas, muitas vezes — menos embora, do que desejaríamos — a conviverem intimamente uma com a outra, no prenúncio deste ideal de

que voltem a ser vistas, qual no passado, como um só universo.

Como leitor brasileiro, não deixei jamais de seguir o que se escreve e publica neste outro lado do Atlântico. E acompanhei, com as emoções e as alegrias dos sucessivos encontros, esta espécie de renascimento literário que se processa em Portugal desde e pós-guerra e que se acentuou nos últimos anos, através de uma série de obras poderosas e inovadoras, com que vários grandes escritores cumpriram os compromissos de criação que com eles próprios e conosco haviam assumido, e através de incessante surgimento de novos nomes e de novos processos de invenção.

Não quero dizer com isso que tenha havido uma só geração portuguesa que haja deixado diante dela o papel em branco, sem obras ou figuras que se acrescentassem à nossa vida e ao nosso mundo, sem dar continuidade ao diálogo entre a tradição e a inovação, entre o que já está escrito e o que vai escrever-se.

Mas os renascimentos não se revelam pela excelência de alguns nomes isolados. O que os caracteriza é exatamente a abundância de autênticos criadores, a confluência de numerosos modos distintos e até divergentes de ver, entender e explicar o Universo e o Homem, de multiplicados métodos de composição, de ritmos de exposição e de formas de leitura.

E é a um desses momentos de expansão e potenciada inventiva que estamos a assistir em Portugal, e isso não passa despercebido ao Brasil, que reconhece nos que aqui estão hoje conosco alguns dos protagonistas dessa floração afortunada.

Não nos passa despercebido, mas desejaríamos que tudo isto nos chegasse com a naturalidade de pão quotidiano.

Como, estou certo, gostariam os portugueses de encontrar-se sem esforço com obras que, no mesmo idioma, escrevem os brasileiros. Que escrita, leitura e crítica, invenção, reinvenção, e comentário, as apologias, as contestações e as exegeses se fizessem prontamente através do

Atlântico e que se refletissem como num espelho em cada fim de viagem e dele retornassem enriquecidos.

Assim, restaurar-se-ia a unidade.

Para isso, cumpre que os portugueses e brasileiros publiquem, com constância, uns no território dos outros e que ali sejam lidos como o são os de casa. Impõe-se se transforme em rotina aquilo que até agora tem sido esporádico — como um Eça de Queirós ou um João Gaspar Simões a colaborarem sistematicamente, na imprensa brasileira, e como um Ronald de Carvalho ou um Ribeiro Couto, na imprensa portuguesa.

Força é que frutifique os trabalhos comuns, como este admirável exemplo que é a *Nova Gramática de Português Contemporânea* de Celso Cunha e Lindley Cintra.

A nossa vocação e a nossa aspiração são o convívio e a unidade. Devemos, por isso, tomar como paradigmas e patronos aqueles portugueses e brasileiros que, nas letras, no pensamento e nas artes, dividiram suas vidas entre Portugal e o Brasil, como Gonçalves Crespo, Rafael Bordalo Pinheiro, Carlos Malheiros Dias, Correia Dias, Jaime Cortesão, Fidelino de Figueiredo, Valdemar Costa, Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa e Fernando Lemos, para citar apenas alguns nomes que pertencem ao mesmo tempo às histórias da cultura em Portugal e no Brasil.

E é para que se volte em pão quotidiano e que hoje infelizmente é ainda auspiciosa exceção, que desejo brindar, também pela felicidade de cada um dos presentes e pela amizade que entre nós se consolida e reforça.

Confesso que estou muito alegre.